

**O PROCESSO DE MUDANÇAS LINGUÍSTICAS NA LÍNGUA  
FRANCESA EM ROTEIROS DE NAVEGAÇÃO DO SÉCULO XVI: *LE  
GRAND ROUTIER DE MER***

**FRENCH LANGUAGE CHANGES IN THE XVI CENTURY: LE GRAND  
ROUTIER DE MER**

*\*Rita Maria Ribeiro Bessa*

**Resumo:** Os roteiros portugueses de navegação da Carreira da Índia foram traduzidos e publicados em língua francesa pelo holandês J. H. van Linschoten na coletânea *Le grand routier de mer* (1610). Estes roteiros foram fundamentais para facilitar a expansão marítima europeia no século XVI para as Índias Orientais. Foram analisados fatos característicos da sintaxe, da morfologia e da fonética que reiteram o momento lento e gradual de transformações pelo qual a língua, denominada francês médio, passava. Foram selecionados para análises os roteiros pertencentes aos pilotos portugueses Diogo Afonso e Vicente Rodrigues.

**Palavras-chave:** Le grand routier de mer. Francês médio. Mudanças linguísticas.

**Abstract:** The 16th century Portuguese itineraries to India were translated into French by J. H. van Linschoten in 1610. Such itineraries were basic to facilitate European sea expansion to Oriental India in the XVI Century. The itineraries selected as a corpus for this research were translated into Middle French and published in *Le grand routier de mer* in 1610. Middle French was a language in a state of transformation. Its features mark the moment of affirmation of the French Nation, and the French language as a National Idiom. The French texts of the Roteiros da Carreira da Índia are a wealthy source of many linguistic facts in relation to this historical moment of the idiom.

**Keywords:** Le grand routier de mer. Middle French. Linguistic Changes.

\*Professora Adjunta de Língua Francesa da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana. Doutora em Linguística Histórica. rita\_bessa@uol.com.br

## Introdução

A literatura de viagens é considerada como a mais alta expressão do patrimônio cultural português no século XVI (CARVALHO, 1960, p.115). Através dos textos que a compõem é possível ter a representação e a compreensão da realidade do homem português dos fins dos quatrocentos e dos anos quinhentos. Dela fazem parte os roteiros de navegação.

Segundo L. de Albuquerque (1972, p. 257), os roteiros de navegação são narrativas que tratam de descrições minuciosas das costas descobertas, com os rumos que deviam ser percorridos de um lugar para o outro, os acidentes geográficos, as chamadas conhecenças dos locais de escala ou de passagem obrigatória, a indicação de ventos dominantes ou de correntes marítimas, como ainda mostram a latitude dos portos, baías ou cabos assinalados.

No início do século XVI, a França, a Inglaterra e os Países Baixos decidem entrar no processo das grandes navegações, pois era grande a insatisfação com a política de monopólio econômico português e espanhol.

Diante deste quadro, qualquer informação ou documento que servisse para abrir as portas do mundo da navegação para estes povos teria todo o apoio político, social e econômico de seus dirigentes. Neste contexto, surge a tradução dos roteiros da *Carreira da Índia* feita pelo holandês J. H. van Linschoten. No caso daqueles traduzidos em língua francesa, foram publicados no *Le grand routier de mer* (LINSCHOTEN, 1619, p.1-40; 133-150).

Os roteiros de navegação da *Carreira da Índia* retratam bem o universo das expedições lusitanas e espanholas para as Índias. Eles se transformaram em um documento imprescindível para os projetos de expansão ultramarina europeia.

Os contatos com os roteiros traduzidos em língua francesa permitiram observar a frequência e a oscilação de determinadas formas da língua que pareciam apontar para um estado linguístico em mudanças. A primeira informação levantada foi a que se tratava do período em que o idioma era conhecido como francês médio, fase em que na língua francesa havia a oscilação entre o emprego de formas antigas e daquelas

encontradas na língua francesa moderna. Este dado motivou o aprofundamento da pesquisa no que tange a entender o francês médio.

Assim, optou-se por um estudo sincrônico-histórico, onde as investigações não se limitaram ao tratamento da língua como um fato estanque, onde as análises versam sobre uma língua por si mesma. Pelo contrário, a língua nos roteiros é considerada como algo vivo que se transforma incessantemente pela atividade de um sujeito histórico, social e circunstancial. Se a língua é dinâmica, a perspectiva adotada para analisá-la deve ser da mesma natureza. Desta forma, este estudo permite conhecer um estado da língua sem excluir as suas variações e as mudanças.

Propõe-se, de início, fazer uma apresentação do *Le grand routier de mer*, em seguida, caracterizar o francês médio, apontando os possíveis limites cronológicos, segundo estudiosos da história da língua francesa como F. Brunot e C. Bruneau (1956, p.11-15), A. Dauzat (1959, p.69-90), P. Guiraud (1972, p.5), W. v.Wartburg (1946, p.115-142) e B. Müller (1985, p. 53). São apresentados os dois momentos históricos que perpassam os limites estabelecidos para o francês médio, como também fatos literários e, considerando que os roteiros de *Le grand routier de mer* constituem uma fonte rica em exemplos que atestam a instabilidade em que o sistema linguístico se encontrava em um processo lento e gradual de mudanças visando a uma certa estruturação, foram selecionadas para análises amostras nos âmbitos da sintaxe, da morfologia e da fonética.

### ***Le grand routier de mer***

O *Le grand routier de mer* é uma coletânea de roteiros portugueses e espanhóis compilados e traduzidos por J. H. van Linschoten das línguas portuguesa e espanhola para o flamengo (1596), para a língua francesa, cuja primeira publicação se deu em 1610, como foram, também, traduzidos para o inglês (1598), para o alemão (1598-1600) e para o latim (1599). Segundo A. Pos e R. M. Loureiro(1997, p. 18-35), várias partes desta obra foram reeditadas em coleções populares de relatos de viagens e de descobrimentos da época. Os textos analisados pertenceram à publicação de 1619.

A respeito de J. H. van Linschoten, registra-se:

“viajou em navios portugueses, se expressando em língua portuguesa, por toda a parte viu portugueses e ouviu portugueses. Trata-se de uma viagem

maravilhosa num mundo português, de que se fez o pregoeiro admirador, descrevendo-a sem artifício de linguagem, com a simples documentação do que viu e viveu. É, segundo ele, a maior homenagem à expansão portuguesa, para quem queira ou saiba meditar, pois, nomes geográficos ou de pessoas na forma portuguesa, nomes de flora e de fauna também portugueses abundam no seu livro”. (LOPES, 1969, p.3-4)

H. Howens Post (1960, p. 126) diz que, sem as traduções de Jean Huyghen van Linschoten os holandeses não teriam conhecido a imagem primorosa do mundo oriental que ele propagou nas cores mais vivas. Ninguém na Holanda sabia, nessa altura, o Português. Não se pode acusar Jean Huyghen van Linschoten de ser plagiário por ter traduzido tantos autores portugueses no livro que ele escreveu sobre a sua estada na Índia, pois que as ideias de seus contemporâneos eram muito menos rigorosas no que diz respeito ao plágio do que as da nossa época, mas, afirma H. Howens Post, é interessante verificar, até que ponto ele traduziu literalmente os passos dos autores portugueses.

Em *Le grand routier de mer*, J. H. van Linschoten foi fiel às características dos roteiros, descrevendo em grande pormenor a navegação de ida e de volta de Portugal para a Índia, incluindo os roteiros dos pilotos Diogo Afonso e Vicente Rodrigues, aqueles da Índia para Malaca, China, Japão, Java e Sunda, da China para a Índia Espanhola, de toda a costa do Brasil, das Antilhas e ainda a navegação de Lopo Gonçalves para Angola. Além disso, do ponto de vista linguístico, empregou uma das variedades correntes da língua francesa, respeitando assim uma das características fundamentais dos roteiros que era de serem redigidos em linguagem simples e de fácil entendimento para os mareantes, cuja cultura náutica emergia da experiência vivida.

Para as análises sobre a língua francesa no século XVI foram utilizados os seguintes roteiros traduzidos do piloto Diogo Afonso e publicados no *Le grand routier de mer* (LINSCHOTEN, p. 3-19) que se distribuem em cinco capítulos, três relativos à viagem de ida de Portugal para as Índias (II, III, IV) e dois, à de volta das Índias para Portugal (VIII e IX), a saber:

II – *Cours du Voyage de sIndes, appointé par Diego Alfonso, Portugais Pilote du Roy;*

III – *Navigation Du Cap das Correntes vers les Seches appellees Baixos de Judia, & dela a Moçambique;*

IV - *Navigation de Moçambique aux Indes;*

VIII - *Cours de la Navigation des Indes au Cap de Bonne Esperance, signé par un autre Pilote Portugis[sic];*

IX - *Navigation de Monte Delin montagne celebre en la coste de malabar, en Portugal.*

Quanto aos roteiros da *Carreira da Índia* traduzidos do piloto Vicente Rodrigues, A. Fontoura da Costa (1940, p. 89-94) diz que esta tradução conduz ao primeiro roteiro deste piloto. Considera-se que J. H. van Linschoten, que desde 1583 estava na Índia, tenha conhecido pessoalmente o piloto português que viajou em naus portuguesas para as Índias ao lado dos vice-reis entre os anos de 1568 a 1592. A certeza de que a tradução de Linschoten é a do primeiro roteiro de Vicente Rodrigues, que seguia o modelo daqueles de Diogo Afonso, é baseada nos seguintes fatos levantados por A. Fontoura da Costa (1940, p.94-7): a tradução continha informações referentes aos anos de 1568-1570, anos citados no primeiro roteiro original, que se supõe datar de 1571; o segundo roteiro de Vicente Rodrigues fazia menção à nau Bom Jesus onde o piloto-mor viajou para a Índia, em 1590, tendo enfrentado diversos problemas no percurso, próximo à ilha de João da Nova, fato relevante que não aparece no roteiro traduzido por J. H. van Linschoten. Esta mesma nau retornou à Lisboa em 1592, tendo a bordo Vicente Rodrigues que morreu no oceano Índico no mesmo ano. Desta forma, acredita-se que o segundo roteiro de Vicente Rodrigues seja de 1591, porém J. H. van Linschoten traduziu roteiros que vão apenas, até 1586.

Os roteiros atribuídos a Vicente Rodrigues são três, em *Le grand routier de mer* (LINSCHOTEN, p.8-16):

V-*Navigation de Lisbonne aux Indes appointee par Vincente Rodrigos de Lagos Portugais Pilote du Roy ;*

VI-*Navigation de Goa à Cochin ;*

VII- *Cours de la Navigation de Cochin en Portugal descrite par le mesme Pilote  
Vincente Rodrigues de Lagos.*

Não resta dúvida de quanto a obra *Le grand routier de mer* foi fundamental para as expedições marítimas organizadas pelos Países Baixos, pela França e pela Inglaterra. J. H. van Linschoten soube aproveitar o momento histórico que vivia para lançar os seus textos, como também, se lançar como grande conhecedor das rotas para a Índia e para as Américas e como detentor de informações secretas do mundo lusitano e espanhol. O seu prestígio nasceu nestas bases, contudo, a abrangência de sua obra não teria sido tão rápida, se ele não tivesse tido competência e sensibilidade suficiente para mergulhar no estilo próprio dos roteiros de navegação, respeitando a linguagem técnica da marinharia e a simplicidade necessária do dizer para o entendimento por homens muito simples como os mareantes. J. H. van Linschoten escreveu os roteiros fazendo uso de uma variante regional da língua francesa, certamente aquela falada na Valônia. Este fato é muito interessante ao se pensar que ele redigia para franceses que por sua vez experienciavam em seu país um momento de busca de afirmação e de unidade linguística com preocupações com o enriquecimento e o refinamento da língua, como também, com a intimidação do espaço para os falares regionais. A França vivia do ponto de vista linguístico, o momento de uma língua de transição denominada francês médio, cujo modelo a ser alcançado seria o do falar da Île de France. Neste quadro, o *Le grand routier de mer* aparece como um tesouro informativo e linguístico, retratando a flutuação das formas no seu processo de mudanças e demarcando o espaço da língua regional.

Na seção intitulada *A língua francesa dos textos de Le grand routier de mer* são apontados fatos históricos, literários e linguísticos que caracterizam o momento da língua francesa e amostras de como o idioma se apresenta nos roteiros da *Carreira da Índia* traduzidos dos originais portugueses escritos pelos pilotos Diogo Afonso e Vicente Rodrigues.

**A língua francesa nos roteiros de *Le grand routier de mer***

Como foi dito, os textos dos *Roteiros da Carreira da Índia* foram traduzidos por J.H. van Linschoten para o francês, em um período em que a língua francesa é conhecida como francês médio. Cabe caracterizar este momento da língua para melhor entender esta variante linguística usada por ele para elaborar o seu discurso.

Os limites linguísticos do francês médio variam entre os autores que tratam da história da língua francesa. Segundo F. Brunot e C. Bruneau (1956, p. 11-15), o francês médio se estende entre o final do século XIII (1285) e o século XV (1482). Para A. Dauzat (1959, p. 69-90) este momento da língua francesa abrange o século XIV (desde 1328), até o início do século XVII (1610). De acordo com P. Guiraud (1972, p.5), este período vai do início da Guerra de Cem Anos (1328) até o final das Guerras de Religião (1598). W. v. Wartburg (1946, p. 115-142) situa o francês médio entre a segunda metade do século XIV e o século XV. Segundo B. Müller (1984, p.53), a passagem do francês antigo para o francês médio se dá a partir do século XIII e o seu limite é o século XVI.

Dentro dos limites linguísticos acima citados, deve-se perceber a existência de dois momentos históricos, a Idade Média e os Tempos Modernos; esses últimos foram marcados pelo movimento de restauração da cultura clássica. Ao longo deste período, foram verificadas oposições no âmbito das ideias, das instituições, dos hábitos, das literaturas e das artes, contudo, a língua é sempre o francês médio.

O francês médio caracteriza a etapa de transição entre o francês antigo e o francês moderno. É o período onde a língua francesa vai conquistando o seu espaço no território francês, em um processo lento e gradual de mudanças. Segundo P. Guiraud (1972, p.5), o francês médio constitui o berço do francês moderno.

O século tomado como ponto de referência para a compreensão do francês médio é o século XIII. Alguns fatos históricos e literários vão influenciar nas mudanças ocorridas na língua e no seu processo de afirmação. Dentre eles, pode ser citado, o reino de Philippe-Auguste (1180-1223), que transforma a capital da região, Paris, em uma cidade digna do reino da França. Nela, a corte se instala fazendo assim, que o franciano, dialeto da Île de France e base da língua francesa, se torne o modelo linguístico a ser seguido. Segundo B. Müller (1984, p.134-168), desde este período do francês médio, atesta-se o caminhar em direção à uniformização da língua.

No campo literário, as regiões cuja literatura era forte, até o século XII, vão declinar, dentre elas a Picardia e a Normandia. Os seus poetas começam a se desfazer, em parte, das particularidades provincianas e a literatura tende a se assentar em uma base linguística comum. W. v. Wartburg (1946, p.89-93) ressalta, porém, que é cedo para se falar em estabilidade e existência de um único sistema linguístico, pois a vitalidade dos dialetos e das línguas regionais vai se manter até o final do século XIV. Os reinos sucessivos – o de Louis IX (1226-1270) e o de Philippe IV, le Bel (1285-1314) – são, também, de fortalecimento do poder da monarquia. A língua francesa começa a concorrer com o latim nos atos reais.

Se, por um lado, no século XIII, o território francês se caracteriza pela prosperidade e pelo começo dessa busca pela uniformização do seu sistema linguístico, com o advento da guerra dos Cem Anos (1328), a França vai mergulhar no caos. A instabilidade no quadro político, econômico e social se refletirá sobre a língua. Para W. v. Wartburg (1946, p.115-120), o episódio da guerra de Cem Anos é muito importante para a língua francesa, visto que fortalece o sentimento nacional, pois o povo faz a sua aliança com o rei. A necessidade de constituição de uma nação desperta o desejo de unidade linguística.

Este processo de afirmação que permeia o francês médio continua ao longo da segunda metade dos séculos XV e XVI. Os textos franceses dos *Roteiros da Carreira da Índia* escritos em francês médio servem como uma fonte rica em fatos linguísticos, característicos deste momento do idioma. Apesar de sua primeira publicação datar de 1610 e da segunda datar de 1619, sabe-se que as traduções de J.H. van Linschoten vão apenas até a segunda metade do século XVI (1586), logo o universo linguístico para análises é do francês médio.

Cabe ressaltar ainda que desde o século XVI passa a haver maior regulamentação na gramática com L. Meigret, porém, o sistema linguístico ainda não encontra a estabilidade, a flutuação entre as formas dos sistemas antigo e moderno, em fase de estruturação, continuava a ser atestada.

Só a partir do século XVII, como afirma H. Walter (1988, p.28), os gramáticos vão se empenhar em codificar a língua que começa a se apresentar de forma mais sistematizada.



Analisando a língua francesa nos textos de *Le Grand routier de mer*, é possível reconhecer, um número bastante alto de ocorrências, de formas linguísticas características do francês médio, coexistindo com aquelas do sistema antigo.

Dentre os exemplos que mais chamaram a atenção, podem ser citados no âmbito da sintaxe dois fatos: a perda da declinação de dois casos e a ordem dos elementos das sentenças.

A causa que levou a um maior rigor na ordem das orações na língua francesa foi a perda da declinação dos dois casos – o nominativo e o acusativo –, que poderia resultar na identidade fonética entre ambos, conduzindo a erros na compreensão. No francês antigo era possível distinguir, frequentemente, o sujeito (nominativo) e o objeto (acusativo) pelo morfema *-s*, como afirma W. v.Wartburg (1946, p. 313-316), desta forma, a ordem dos elementos podia ter maior liberdade.

No século XVI, diz G. Gougenheim (1974, p.253-257), a ordem SVO se torna a mais frequente, porém, é possível encontrar traços característicos da ordem das sentenças do francês antigo, a saber, SOV, OVS, VSO e VOS, sobretudo onde não há como ocorrerem equívocos no entendimento da oração.

Nos textos franceses de *Le Grand routier de mer*, a ordem SVO é a mais empregada, no entanto, verificam-se ordens remanescentes do francês antigo, tal como se atesta nos exemplos abaixo. Este fato foi verificado apenas nos roteiros traduzidos de Diogo Afonso (1539), cronologicamente anteriores àqueles de Vicente Rodrigues (1571).

Le flux des courans vers la mer rouge est depuis le quatriesme iusques au seiziesme degree. Prenez tousiours bien garde de vous tenir a vostre avantage, & de ne point venir court. Em ceste contree & route se void tousiours quantité de ceste espece d'oiseaux susmentionne, asçavoir de Rabos de iunco: &quando vous approchez dela coste & des bancs de Pandua vous n'enverrez plus: seulement *verrez-vous* aucunes coulevres comme anguilles flottantes em mer à cinquante lieue de terre, &davantagé (DA, NMI, p.7, L. 40-7).

[...] pourtant *vous adverti-ie* de ne vous tenir tous iours pres de la coste vous em aurez meilleur voyage, car les courans vous pousseront vers le Cap, ores que les vents ne vous aident point: ce qu'il convient en tendre lors que vous partez tard de Cochin: Ici vous trouverez tousiours grande sorte de vents de Ouest [...] (DA, CICBE, p. 17, L.3-7).

Na morfologia destacam-se os pronomes pessoais sujeito, os numerais, os demonstrativos, o particípio presente, o pronome pessoal indefinido *on*. São apresentados exemplos referentes aos numerais e ao particípio presente.

Quanto aos numerais, segundo G. Gougenheim (1974, p. 103-108) é possível ainda, no século XVI, verificar a concorrência entre o uso dos numerais ordinais gerados a partir dos cardinais, acrescidos do sufixo *-iesme* e aqueles atestados no francês antigo, a saber, *second*, *tiers*, *quart* e *quint*. Para A. Dauzat (1959, p.85), no francês médio as formas dos numerais ordinais se tornam regulares isto é, são encontrados os cardinais, seguidos de *-iesme*, que vão caracterizar o sistema moderno.

Nos textos de *Le grandroutier de mer* são encontrados os seguintes exemplos dos numerais ordinais:

& lors ne singlez pas plus avant em mer, mais dressez vostre cours entre l'Isle de Brandaon, & celle de Lopo Soares, qui est um bom cours. Si tost que vous avez passé ceste Isle, prenez vostre chemin le lög de l'Isle de Ioan de Lisboa: Entre ceste Isle & celle de Pedro Mascarenas il y a um bom Chemin tellement que vous venez a passer a quatorze ou quinze lieues de l'Isle de S. Laurent. Delà prenez vostre cours sur vingt neuf degrez au OuestSudOuest, puis singlez au Ouest&Ouest tirant sur le Sud iusques au *trente quatriesme* degré ou aussi loing qu'il vous plaist (DA, CICBE, p. 16, L. 23-31).

No que tange aos numerais cardinais, A. Dauzat (1959, p. 85) afirma que eles passam a designar horas, como substitutos dos ordinais, usados pelo sistema antigo.

D'ici vous prendrez vostre droit cours, sans conter aucun declin: car ces Isles gisent em mesme longitude que les autres; avec la difference du quadran em cestec ontree, asçavoir pres des dites Isles de Tristan da Cunha, l'aiguille du quadran decline au NordEst vn ry n & demi: & quando il est *une heure* apres midy sur le quadran, il n'est que midy sur l'Astrolabe (DA, CVI, p. 4, L. 7-15).

Acrescente-se a estes dados o que diz G. Gougenheim (1974, p. 103-108), a respeito das formas latinizantes *septante*, *octante* et *nonante*, que são, segundo ele, formas comuns no século XVI.

Vous tiendrez le susdit cours du Cap das Correntes si vous vous trouvez pres dudit Cap: & si vous avez vent de SudEst vous singlerez le long de l'Isle qui git au dessus des bancs de Soffala, pour parvenir tant plustost a Moçambique, & avec le vent d'Est à la hauteur & signes cidessus mentionnez. Vous éviterez aussii les bancs de Iudia, & ceux de l'Isle de Saint Laurent qui sont proches de ceux de Iudia. Entre les uns & les autres il y a *nonante-cinq* brasses de profondeur (DA, NCCBJM, p. 7, L. 4-10).

Et dautant que ces tonnerres vous viennent de tous les costez il est bon de dresser vostre cours & vous tenir environ de *septante* ou *huictante* lieues asçavoir iusques à deux degrez & demi, là ou vous trouverez desvents de SudEst, estant la saison depuis de vingtiesme d'Avril iusqu' au cinquiesme de May (VR, NLI, p. 8, L. 8-12).

A respeito do participio presente, G. Gougenheim (1974, p.105-9) diz que seu caráter invariável em gênero, mas variável em número, se deve à herança latina. Contudo, no século XVI, podiam verificar-se duas tendências no seu uso. A primeira concebia uma invariabilidade absoluta; no segundo caso, a variação se daria tanto em gênero como em número.

Nos textos franceses de *Le grand routier de mer*, vários exemplos atestam o uso do participio presente. Na maioria das orações, ele é empregado como uma forma invariável. No entanto, o tradutor o utiliza, em muitos outros momentos, concordando em gênero e em número, como foi dito acima, com o substantivo que o precede.

[...]Quand vous voyez pres du Cap de Bonne Esperance certains Oiseaux *flottans* sur l'eau appelez Antenayas, lesquels sont grands et marquetez sachez que vous estes pres de Cabo das Agulhas. Vous y verrez aussi flottez de l'escume de Mer, de laquelle les orfevres se servet,& si vou savez la veue du pays sur la hauteur ci dessus mentionnee, estant a trente lieues du Cap de Bonne Esperance, & venant aussi à la hauteur de trente sixdegrez, vous y trouverez les memes susditsoiseaux [...] (DA, CVI, p.5, L. 11-17).

Les vagues qui vous suivent de devers le dit Cap de l'Est au Ouest, cesseront de vous suivre si tost que vous serez pres du Cap das Agulhas en dedans, iusques a ce que vous en trouviez d'autres *venantes* du SudOuest selon l'estendue de la coste, asçavoir de devers le Cap en dedans. Sachez aussi qu'ici les aiguilles des quadrans sont fixes & egales, de sorte que quando il est midy sur l'astrolabe, il est pareillement midy sur la montre ou quadran, l'un se rencontrât comme l'autre, qui est bon signe & indice, par lequel vous cognoissez que vous estes Nord & Sud endroit du dit Cap das Agulhas, ou entre le dit Cap &

celuy de Bonne Esperance: lequel indice est bon & seurtant au aller qu'au venir. Allant de là aux Indes les aiguilles des quadrans declinent derechef (DA, CVI, p. 5, L. 28-38).

[...] Les signes & indices qui se trouvent en ce chemin sont tels: c'est que parfois de nuit sous la hauteur de dix degrez on voit de l'eau blanche & luisante, & depuis la dite hauteur vers la coste des Indes se voyent parfois plusieurs oiseaux *venans* de la coste d'Arabie (VR, NLI, p. 12, L. 32-35).

No que tange às transformações fonéticas, é possível ainda verificar a grafia da consoante *-s*, em final de sílaba. Esta desaparece e a sua antiga existência é assinalada, no francês moderno, pelo diacrítico:

Depuis les dites Isles de Tristan da Cunha iusques au Cap de Bonne Esperance, vous trouvât em ceste contree iusques au huitiesme de Iuin, vous verrez flotter em eau a monceaux la *mesme* herbe de Sargasso avec une autre espece d'herbe nommee Trombas comme tiges de Roseaux courts & branchus, non si longs que ceux qui se trouvent pres du Cap de Bonne Esperance (DA, CVI, p. 4, L.23-8).

Venant du ving deuxiesme degré au dix huitiesme vousverrez de l'eau verte [sic]qui est de devers la pointe appellee Cabo branco, & de devers le goulfe ou git la forteresse d'Arguin, laquelle eau si vous voyez plus de deux fois, cest signe que vous *estes* pres de la *coste*: mais si vous em voyez peu, asçavoir moins que deux fois vous *estes* plus pres des *Isles* (VR, NLI, p. 8, L. 34-8).

### **Considerações finais**

Pretendeu-se com este trabalho intitulado o Processo de mudanças linguísticas na língua francesa em Roteiros de Navegação do século XVI: *Le grandroutier de mer* apresentara dinâmica e a riqueza de fatos linguísticos encontrados nos roteiros franceses do século XVI traduzidos por J. H. van Linschoten que caracterizam momento da língua em seu processo lento e gradual de mudanças rumo à sua afirmação como língua nacional. Além de que as análises de fatos concernentes à sintaxe, à morfologia e à fonética permitiram na perspectiva sincrônico-histórica ampliar o conhecimento do investigador e conseqüentemente repercutir diretamente na sua compreensão da língua francesa moderna.

## Lista de abreviaturas

CICBE	Cours de la Navigation des Indes au Cap de Bonne Esperance, signé par un autre Pilote Portugis. [sic]	Linschot 1619: 16-17
CVI	CoursduvoyagedesIndes, appointé par Diego Alfonso, Portugais Pilote du Roy.	Linschot 1619: 3-6
DA	Diogo Afonso	
NCCBJ M	NavigationduCap das Correntes verslesSechesappellees Baixos de Judia, & dela a Moçambique.	Linschot 1619: 6-7
NMD	Navigation de Monte Delinmontagne celebre en la coste de Malabar, en Portugal.	Linschot 1619:17-19
NMI	Navigation de MoçambiqueauxIndes.	Linschot 1619: 7-8
NLI	Navigation de LisbonneauxIndesapointee par Vicente Rodrigos de Lagos Portugais Pilote du Roy	Linschot 1619: 8-12
VR	Vicente Rodrigues	

## Referências

ALBUQUERQUE, L. de. *Curso de história náutica*. Coimbra: Almedina, 1972, p. 257.

BRUNOT, Ferdinand; BRUNEAU, Charles. *Précis de grammairehistorique de la langue française*. 4<sup>éd.</sup> Paris: Masson, 1956.

CARVALHO, Joaquim Barradas de. L'Historiographieportugaisecontemporaine et la littérature de voyages à l'époquedes grandes découvertes. *Ibérica*, Rio de Janeiro, 1960. v.4. dez..

COSTA, A Fontoura. *A marinharia dos descobrimentos*. 3 ed. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1960.

COSTA, A. Fontoura da. *Roteiros portugueses inéditos da Carreira da Índia do século XVI*. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1940.

DAUZAT, Albert. *Histoire de la langue française*. Paris: PUF, 1959

GOUGENHEIM, G. *Grammaire de la langue française duseizième siècle*. Paris: A. & J. Picard, 1974.

GUIRAUD, Pierre. *Le moyenfrançais*. 3. éd. Paris: PUF, 1972.

LINSCHOT, IeanHvgves de. *Le grandroutier de mer*. Nouv. trad. De flameng en François. In: Id. *Histoire de la navigation au Indes Orientales; contenant diverses description des lieux iusques à présent decouverts par le portugais....* 2. éd. agm. Amsterdam: Chez EvertszCloppenburch, 1619.

LINSCOTANI, JohannisHvgonis. *Navigatio ac itinerarivm...* Hagae Comitis: Ex officina Alberti Henrici, 1599.

LOPES, David. *A Expansão da língua portuguesa no oriente durante os séculos XVI, XVII e XVIII*. 2. ed. Porto: Portucalense, 1969.

MÜLLER, Bodo. *Le français d'aujourd'hui*. Paris: Klincksieck, 1984.

POST, H. Howens. João Huyghen van Linschoten, administrador da casa do Arcebispo de Goa e espião da Holanda (1538-1587)...p.126.

WALTER, Henriette. *Le français danstous les sens*. Paris: Robert Laffont, 1988.

WARTBURG, W. v. *Évolutionet structure de la langue française*. 2. éd. Berne: A. Francke, 1946.

WARTBURG, W. v. *Problemas y metodos de la lingüística*. Trad. Damaso Alonso y Emilio Lorenzo. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Cientificas / Instituto Miguel Cervantes, 1951.